

## Fatalidade Noturna

Andressa Franciane Todero

2º Jornalismo

Olhei para o ponteiro do meu velho relógio de pulso, e ele apontava escandalosamente que faltavam apenas cinco minutos para as cinco da manhã. O que significava um atraso de três horas e um belo sermão no café.

Parada em frente ao portão da minha casa, a rua morbidamente vazia. O pensamento voava, enquanto eu decidia se me arriscaria a entrar. Lembrei da festa na qual estivera há poucos minutos, e essa doce recordação me deu coragem para virar a chave que abria o portão.

Entrei, virei-me e fechei aquele portão de metal com uma habilidade silenciosa que até então desconhecia. Subi as escadas como se fosse um gato amedrontado. O único barulho que eu ouvia era a batida descompassada de meu próprio coração.

Decidi então entrar pela janela de meu quarto. Fui andando por entre as flores, olhando as sombras produzidas na parede. Andei mais rápido e finalmente cheguei à janela desejada. Minha memória buscou a lembrança do momento em que deixara a janela destrancada, antevendo qualquer atraso.

Abri a janela lentamente. Joguei uma perna. Ao jogar a outra, recordei-me que havia me esquecido de colocar o banco para descer do lado de dentro. O coração saltou, a alma tremeu... nada adiantou. O tombo foi inevitável! A família acordou. Luzes se acenderam.

E no dia seguinte, eu sozinha ocupei quatro cadeiras no café da manhã. Em uma, o sermão que eu levava, e até agora me perseguia. Noutra, a consciência pesada que olhava para mim constantemente. Na cadeira do centro, eu. E na cadeira ao lado, o pé quebrado!